

13230.

OFERTA

P. 105-A chaco 420

Ofsa

L

~~12~~

~~25765~~

36657 ¹³ P.



ALEGRIAS

DE

PORTUGAL.



LISBOA

Officina dos Herdeiros de Antonio Maria de ...

1844

Com a venda de ...

DEFEITO

1753



ALEGRIAS

DE

PORTUGAL



ALEGRIAS
DE ^{17. 11151}
PORTUGAL

COM A FELICE MELHORIA
DO SEU AUGUSTO REY

^{L. 3665713p.}
D. JOAÕ V.

NOSSO SENHOR

EXPENDIDAS EM HUM

ROMANCE

OCTO-SYLLABO,

NARRATIVO, E AFFECTUOSO,

QUE OFFERECE, E CONSAGRA

AO MESMO SOBERANO

ANTONIO DE S. JERONYMO

JUSTINIANO,

Capellão do Coro de N. Senhora do Loreto da Nação Italiana.

LISBOA:

Na Officina dos Herdeiros de Antonio Manoel de Almeida.

M. DCC. XLII.

Com todas as licenças necessarias.

ALLEGRIAS

DE

PORTUGAL

COM A FELICE MELHORIA
DO SEU AUGUSTO REY

D. JOÃO V.

NOSSE SENHOR

EXPENDIDAS EM HUM

ROMANCE

OCTO-SYLLABO

NARRATIVO, E APRECTUOSO

QUE OFFERCE, E CONTA

AO MESMO SOBERANO

ANTONIO DE S. JERONIMO

JUSTINIANO

Capellão do Coro de N. Senhor do Louro da N.ª C.ª de Lisboa

LISBOA

N.ª Officina das Impressões de Antonio Manoel de Almeida

M. DCCLXXII

Com todas as licenças necessarias

S E R V I D O

Fá que he vedado à minha humildade beijar
as Reaes Mãos, e Pès de V. MAGESTADE,
aonde com humiliação profunda offerece (como que

juntamente os beijava) o meu leal, e fino affecto, não sey se hum sacrificio, o mais internecido, por ter sido magoado, ou se huma demonstraço das alegrias do meu peito, por estar cheyo de jubilos; tudo se faz difficil à mayor comprehensão o exame destes dous extremos.

Inexplicaveis se encontraõ os passados sentimentos com os gostos da Feliz, e Real Melhoria que V. MAGESTADE presentemente goza, aonde só nellas estabellece a Monarquia a sua mayor ventura.

Bem se vio em tantos coraçoens animados de tão Augusta grandesa, para romperem em excessos demonstrativos das adoraçoens que a V. MAGESTADE finamente tributaõ; e aonde a adoraçoõ he filha da lealdade, bem pôde a Nossa Monarquia da Melhoria do seu Soberano esperar muitas fortunas.

Naõ desino, nem ponho em questãõ Problema-

tica

tica se as glorias, alegrias, e gostos nascidos da
plausivel Melhoria de V. MAGESTADE po-
deriaõ competir com a grandesa da queixa nas cir-
cunstancias de grande; porque ainda sendo queixa,
como V. MAGESTADE a padecia, vizos havia
ter de soberana.

E queixas, que padece huma Magestade, ter
com ellas competencia (ainda sendo discretas) se-
queixarà a mesma Magestade de ser ouzadia.

Mas, (permitta-me a Real Grandesa de
V. MAGESTADE) que diga (naõ só de mim,
de toda a Lusitania, para memoravel Padraõ das
suas glorias) que respeitando a Magestade, com-
petiraõ estas com as suas grandes queixas.

As demonstraçoens o fizeraõ, e os amantes,
e suos rogos o acclamaraõ; e competencia taõ en-
ternecida, e piedosa, já naõ pòde offender a
V. MAGESTADE, huma tal competencia, nem

tambem estes rasgos da mais enternecida comprehen-
saõ de huma armonia metrica, que offereço re-
verente, e consagro humilde à Real presença de
V. MAGESTADE à Melhora que possuiue, e Deos
Senhor Nosso lha conceda duplicada, e assim o per-
mitta por muitos seculos para gloria da Igreja, de
todo o mundo, e dos seus leaes Vassallos.

ANTONIO DE S. FERONTMO JUSTINIANO.

PRO-

PROLOLO

A O

LEITOR.

Discreto Leitor: bem fey que diràs, quando presumi eu decifrar a Magestade de tão alto assumpto, como exponho no presente emprego das *Alegrias de Portugal na Melhoría do seu Augusto Monarca*; sem ter hum daquelles espiritos elevados, que nos accentos metricos se fizeram venerados, e conhecidos em todo o mundo?

Sabes quem me animou? Esse mesmo Magestoso objecto, que tu me propoens com advertencias de discreto, mas com muito temor de cobarde.

Sabe isto, e sabe mais que a Real, e Augusta Presença de hum Monarca não só dá valor nas

**

Cam-

Campanhas de Marte para vencer, mas nas Assembleas de Minerva, eloquencia para triunfar; o entrar em huma, e outra empresa temoroso, he naõ obrar nada, nem na guerra a Espada, nem na escriptura a Pena.

Se poens duvida a que eu visse a Magestosa Presença d'ElRey (que Deos guarde) supre a vista dos olhos a comprehensãõ intellectiva do discurso, trazendo à vista toda a soberania do objecto, e o que he mais amavel mais a esta se representa sem a menor violencia.

Naõ te atrevas (que eu naõ te offendo) a criticarme; repára que serà louca, e demasiada ousadia vendo neste papel (que devia ser de diamantes pelo fino) estampado o Regio, e alto Nome do mayor Monarca, e Rey, que adoraõ, e veneraõ do Mundo as Monarquias.

W A L E

LICENCAS.

DO

SANTO OFFICIO.

O Padre Mestre D. Caetano de Gouvea, Qualificador do Santo Officio, veja o papel intitulado *Alegrias de Portugal*, e informe com seu parecer. Lisboa 3. de Agosto de 1742.

Fr. R. Alancastre. Teixeira. Soares. Abreu. Amaral.

Approvaçãõ do M. R. P. M. D. Caetano de Gouvea, Clerigo Regular de N. Senhora da Divina Providencia, Qualificador do Santo Officio, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI a Obra de que esta petiçãõ trata, e não encontrando nella cousa alguma contra a Fè, e bons costumes, admirey a mesma elegancia, o mesmo espirito, e a mesma bondade de versos que todos admiraõ em tantas outras Obras que o Author tem impresso. Dê V. Eminencia licença para que se imprima. Lisboa, nesta Casa de N. Senhora da Divina Providencia de Clerigos Regulares, 14. de Agosto de 1742.

D. Caetano de Gouvea, Clerigo Regular.

Vista a informação, pôde-se imprimir o papel intitulado *Alegrias de Portugal*, e depois de impresso tornarà para se conferir, e dar licença que corra, sem a qual não correrà. Lisboa, 14. de Agosto de 1742.

*Fr. R. Alancastre. Teixeira. Sylva. Soares.
Abreu. Amaral.*

DO ORDINARIO.

A O Reverendo Padre Mestre Coronista Fr. Manoel de S. Damaso que informarà com seu parecer. Lisboa, 19. de Agosto de 1742.

Sylveira.

JESUS, JOZE', MARIA IMMACULADA.

Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Manoel de S. Damaso, Prêgador Fubilado, Academico da Academia Real da Historia Portugueza, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, e Padre da Custodia de S. Tiago Menor da Ilha da Madeira, &c.

EXCELLENTISSIMO, E REVERENDISSIMO
S E N H O R.

O Papel que V. Excellencia me manda revêr, he hum Romance Oçto-Syllabo, intitulado *Alegrias de Portugal* com que o furor poetico, e feliz Enthusiasmo do Reverendo Padre Antonio

tonio de S. Jeronymo Justiniano solemniza as plau-
siveis; e suspiradas melhorias d'ElRey N. Senhor
que Deos guarde por Nestorios annos. Efeito pu-
rissimo do connatural amor Lusitano, com que os
Portuguezes respeitaõ, e veneraõ aos seus naturaes
Principes; no qual se distingue muito o nosso Poe-
ta; pois tenho observado que he promptissimo em
celebrar, ou em sentir os successos da Casa Real,
invocando o influxo das Musas, segundo o pede a
materia dos discursos: nos tragicos, as influencias
de Melpomene, nos festivos (como no presente)
as affluencias de Euterpe. Já na censura de outra
Poesia, que se imprimio sobre este gratissimo argu-
mento, disse, que as extremas finelas que obra-
raõ, e obraõ os Portuguezes na doença, e na me-
lhoria de *Sua Magestade*, não tiveraõ exemplo nas
demonstraçoens que sempre amantes obraõ nas
infirmidades dos seus gloriosos Predecessores; mas
que no extremo das suas demonstraçoens cor-
respondiaõ entendidos ao excesso que a todos faz
no amor dos seus Vassallos: porèm agora accrescen-
to; que aquelle paternal, e incomparavel affecto
com que os ama, tem assim identificado o Real
espírito com os dos seus subditos, que no deliquio
do Regio espirito, os espiritos dos Vassallos des-
mayaraõ, e na sua melhoria respiraõ como se fos-
se propria. E por isso entaõ tudo o que se via, e
ouvia, eraõ preces, tudo eraõ Prociçsoens, e tudo
promessas: mas já conseguidos os votos, tudo o
que

que se vê, e ouve, são Triduos em Acção de Graças, tudo são demonstraçoens de gosto, e tudo Poemas de alegria. E para que aquelles amantes, e finos coraçõens occupados do devido, mas já passado sentimento, se enchaõ, e reenchaõ de tão bem nascidas alegrias, julgõ preciso, e que a toda a préssa se imprimaõ as que eloquentemente expréssa, e íntima este Romance, em tudo confórme, e em nada dissonante aos bons costumes. Este o meu parecer. V. Excellencia Reverendissima mandarà o que for servido. Neste Real Convento de S. Francisco da Cidade, 22. de Agosto de 1742.

Fr. Manoel de S. Damasco.

POde-se imprimir, e depois de impresso se lhe darà licença para correr, sem a qual não correrà. Lisboa, 22. de Agosto de 1742.

Sylveira

D O P A C O.

Manda EIRey N. Senhor que o Conde da Ericeira do seu Conselho veja este papel, e intrepoundo seu parecer o remeta a esta Meza. Lisboa, 23. de Agosto de 1742.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

Approvaçãõ do Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Conde da Ericeira do Conselho de Estado de Sua Magestade, e Academico do Numero da Academia Real da Historia Portugueza, &c.

SENHOR.

EM todos os estados, e em todos os estylos publica a fidelidade, e o affecto dos nossos coraçoes o agradecimento a Deos pela desejada faude de *V. Magestade*: e o Padre Antonio de S. Jeronymo Justiniano, felice Author deste armonioso

Roman-

Romance, que *V. Magestade* me manda vêr, mostra que tambem a Poesia sem fabulas, nem hyperboles conserva a sua Dignidade. E me parece que pôde sahír à luz esta syncera demonstraço que não falta ao decóro com que deve tratar-se hum tão alto assumpto. Lisboa, 26. de Agosto de 1742.

Conde da Ericeira.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornarà à Meza para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra sem a qual não correrà. Lisboa, 29. de Agosto de 1742.

Pereira. Teixeira. Vaz de Carvalho.

AL-
romance de N. Magestade: e o Padre Antonio de S. J. Justino, felice Author deste armonioso
coens o agradecimento a Deos pela delibada
blica a fidelidade, e o affecto dos nobres cora-
M todos os estados, e em todos os estylos pu-

ALEGRIAS
DE
PORTUGAL
COM A FELICE MELHORIA
DO SEU AUGUSTO REY
D. JOAÕ V.
NOSSO SENHOR.

ROMANCE
OCTO-SYLLABO,
NARRATIVO, E AFFECTUOSO.

 Mas Aras do respeito
Fino Amor hoje conflagra
A huma alma muitas vidas,
E a huma vida muitas almas.
Bem pôde, que por immensas
Naõ pôdem ser numeradas
Tantas almas, que huma vida
Só a tantas alma dava.

ALEGRIAS

Respeitos, cultos offereça,
Pois já alenta, e por luz rara,
Mais brilhava o seu Imperio,
E o Imperio do Sol brilhava.
Vive melhorando em luzes
Ao Sol, e a Amor, com tal graça,
Que ao Amor o faz mais fino,
E à luz do Sol faz mais clara.
Lufido mais reverbere
Agora fim, pois se alcança
Que a hum Monarca augmenta as luzes,
Outro das luzes Monarca.
Tão elevado nos cultos
(Que sem parecer jactancia)
Era alma da Monarquia,
Ou já à mesma dava alma.
Pois, como huma luz errante
A esta luz, que almas roubava
Ao seu Imperio se atreve,
E a quer prostrar temeraria?
Mal pode, e mal poderia
Vaticinar, que eclypsada
Podia ser, se se exime
De eclypsada huma luz magna
Ainda sendo luz celeste
(Ou exalação, que passa)
Parou (parece) ao respeito
Da luz, que a fere, e não mata

DE PORTUGAL.

Adoeceo, (e foy prodigio)
 Esta luz, de immortal chamma,
 Mas foy deliquio de hum fusto,
 Que huma luz tambem desfaya.
 Quantas vezes o Sol aureo
 Radiando na madrugada
 Luzes claras, huma sombra
 As luzes he affusta clara
 Isto no Sol foy eclipse?
 Naõ, foy hũa nuvem tyranica,
 Que com invejas de altiva
 Quiz sua luz affustar rara
 Mas logo lufidamente
 Essa mesma sombra opaca
 Aniquila, e só do fusto
 Nelle alguma sombra se acha
 Affi em vòs (Senhor Invidio)
 Meu Rey, e Augusto Monarcha;
 A vossa queixa, foy fusto,
 Que eclipse, ninguem o alcança
 Susto foy, que naõ se livra
 A luz, que he mais soberana,
 De ter desmayos, com o fusto,
 Quando com o fusto desfaya
 Todo Portugal sentido,
 O chorava por desgraça,
 Mas quiz a Graça Divina,
 Suspende desgraça tanta.

4 **I A L E G R I A S I D**
 Previo que luz taõ sublime
 (Ainda, que luz, desmayada)
 Era a luz da Monarquia
 Sua, e só da Lusitania.
 Pois já suspenda-se o eclipse
 (Diz a Graça Sacrosanta)
 Que huma luz de tal Imperio,
 Não se offende, nem por graça
 Se se offendeo, foy delirio,
 E delirio, que se alcança
 Ser, passando com o respeito,
 As balizas não tocadas.
Tocou, e foy atrevido
 Desta luz a luz preclara,
 Por dar confiança no arrojio,
 Os louros à confiança
Tudo em suspiros amantes
 Por esta luz suspirava,
 Que muito tudo suspire,
 Se era luz taõ suspirada?
 (Confesso, que quando a via,
 A minha alma se alegrava,
 E agora que não a vejo,
 Nem vida tenho, nem alma)
Atè os Prados sentiaõ,
 De taõ Regia luz a falta,
 Pois lhe faltavaõ às Flores,
 Da luz os lustres na gália

Os Rios corriaõ tristes,
 As Fontes todas amargas;
 Fontes faziaõ dos olhos,
 E os Rios Fontes das agoas.
 Pelos Rochedos corriaõ
 Com tal confusaõ, e ancia,
 Que os mesmos Rochedos eraõ,
 Prantos, Fontes, Rios, mágoas.
 Todo o crystalino Tejo
 Em sombras todo fluctuava;
 E que muito nade em sombras,
 Tejo, e Mar, se o Sol lhe falta?
 Já no mesmo as Ninfas bêllas,
 Vendo ao Tejo em sombras tantas,
 Entre as sombras suspendidas,
 Rompem sombras, cortaõ gállas.
 O canto doce, e sonõro,
 Já nas cítaras de prata,
 Todo era pena à harmonia,
 Pena toda a consonancia.
 Neptuno todo sentido,
 E Thetis toda assustada
 Augmentava o Mar no pranto,
 Neptuno no pranto as agoas.
 Tudo penas padecia,
 Tudo em penas naufragava!
 Em tudo mares de penas,
 E tudo em mares de ancias!

Fina-

Alidade
 ao Senhor da
 Graça, que
 efferecia san-
 ta graça pa-
 ra todos, todo
 o tempo que
 E Rey effere
 em o mayor
 perigo da sua
 duara.

Allude-se
ao Senhor da
Graça, que
esteve na San-
ta Igreja Pa-
triarcal, todo
o tempo que
ElRey esteve
em o mayor
perigo da sua
queira.

Finamente eraõ sentidas,
 Por quem felizmente se acha,
 Já augmentando vidas muitas,
 Na sua vida animada.
 O Rey Augusto, e Invicto,
 D. JOAM QUINTO Luz preclara,
 Já nos dá vida brilhando,
 E à luz, e à vida, que he graça.
 Graça he, e taõ sublime,
 Que o mesmo Senhor da Graça
 Lha concedeo nas Melhoras,
 Graça muita, *gratis data*.
 Graça foy, e bem se infere,
 Pois já por JOAM lhe era dada
 Por Deos da Graça, Divino
 Portento da mesma Graça.
 Ora já, duro Rochedo,
 O pranto deixa, e as mágoas,
 Que não he justo lamentos,
 Quando Amor Melhoras canta.
 Vejaõ-te os Montes vestido
 De Flores, que em ti he galla,
 E os mesmos Montes a vistaõ,
 Rochedos, Prados, e Plantas.
 Vista-se o Amor de esplendores,
 E a campo brilhando sayá
 Com esplendores por settas,
 Nos Rayos da sua Aljava.

Sacrifique ao seu respeito

Deſta luz, que o animava,

De muitas almas as vidas,

De vidas muitas as almas.

As Flores, já lindo emprego

Serão de Amalthea, e da Alva,

E a Campo fahirão mais lindas,

E aos Jardins fahirão mais claras.

Todo o rocicler das Flores,

E o lindo na luz cifrava,

Ufana Amalthea, em luzes,

Flora entre luzes, ufana.

Os Rios, já rizo alegre,

Formarão pelas Campanhas

De prata, nas ſuas ondas,

Pois todas ſão huma prata.

As Ninfas do undoso Tejo

(E já o Tejo em ſuas agoas)

Das prateadas correntes,

As gallas cortem prateadas

Deixem já ſombras nocturnas

Das ſuas penas mágoadas,

Que já à ſombra ſe melhoraão,

Da luz tambem melhorada.

Cantem ſonóras, e alegres,

Nunca pondo ao canto pauza

(Que pauza não admite nunca,

Quem canta bem, quando canta.)

8 A ALEGRIA SI

E que melhor harmonia
 Pòde fazer, quando he a causa,
 A gloria toda de hum Imperio,
 Que ao do Sol só se compàra?

E à harmonia taõ sonóra
 Farà tambem consonancia,
 Toda a belleça das Ninfas,
 E das Ninfas todas a graça,
 (Que huma belleça duplique
 O ser mais linda, e mais rara,
 He quando canta sonóra,
 E quando com graça encanta.)

Tudo encantos na belleça,
 E encantos nas circumstancias,
 Tudo saõ encantos finos,
 Nas glorias da Lusitania.
 Já todo o prateado Tejo
 Pelas margens se dilata
 Em Aljofar derretido,
 Ou em Neve congelada.

Ao cristal deste Elemento
 Neptuno, e Thetis lhe manda,
 Que das ondas, prata fina,
 Todo se vista de prata.
 Applauda já reverente:
 Hoje tudo ao seu Monarca,
 Fontes, Mar, Neptuno, Thetis,
 Ninfas, Rios, Montes, Agoas,

E já o vaõ applaudindo
 Neptuno, e Thetis ufana,
 Nas cristalinas correntes,
 Que correm a beijarlhe as plantas.
 Montes fórmaõ de Alabastro
 As mefmas agoas prateadas,
 E na corrente, que levaõ,
 Tambem querem hir beijas.
 Já ley, que ao Mar correm as Fontes,
 E agora mais apressadas
 Ao Mar correm, applaudindo
 Quem ao Mar affombros causa.
 Sereno corre, e taõ manso,
 Que ao correr parece para
 No bolicoso das ondas,
 Na corrente, que o arrastra.
 Os Rios no Mar se engolfaõ
 Com tal empenho, e tal ancia,
 Que tudo parece o mefmo,
 Mares, e os Rios da prata.
 Beijando vaõ reverentes
 E as Ninfas, em doces pauzas,
 Tambem as Plantas Divinas,
 De quem com o Mar só se iguala.
 Oh! Venturofo Elemento!
 Sabes quem tens em ti? Guarda
 Effo affombro, que te piza,
 Perola fina fem mancha.

Allude-fe a
 ElRey N. Sen-
 hor, quan-
 do fe embar-
 cou para os
 banhos das
 Caldas, com
 vento bran-
 do, e Mar fe-
 reno.

Allude-fe à
 Milagrosiffi-
 ma Senhora
 das Necessi-
 dades hir na
 companhia
 d'ElRey.

Já pizou Afros lufidos,
 E pizou feras tyrannas,
 Que muito te pize ayrosa,
 E como Estrella, que he da Alva?
 Alva Estrella, e sempre Regia
 Senhora sempre se acclama,
 No Mar, Terra, Ceo, e Abyfmo,
 MARIA, Cheya de Graça.
 Esta em ti tens prodigiosa
 Rainha, que ao Sol exalta,
 Pois, por Sol, foy escolhida,
 E por Aurora, acclamada
 Por guarda (tambem) e Estrella,
 A leva o Noffo Monarca,
 Que só della amante fia
 Da fua Grandefa a guarda.
 De Portugal os Reys pòdem
 Por fua guarda, levalla,
 Pois fahem com Regio empenho
 Guardar a quem tambem guarda.
 A taõ altiva finefa,
 E sublime circumftancia,
 Paga a Senhora com affectos,
 Que Amor não tem outra paga.
 A Senhora affim o publica
 Em taõ felice jornada,
 Pois foy guardando extremosa,
 A prenda, que ella levava.

Como Divina Princesa,
 E Rainha Soberana?
 O como, já assombre o Mundo,
 Todo pasme, bráde a Fama.
 Embarca ElRey (felizmente)
 Com vivas, e salvas tantas,
 Que já na Marinha os vivas
 Igualavaõ ao Mar nas salvas.
 O christalino Elemento
 Também o salva com bállas
 De cristal, que pelo fino
 Pòdem ser bállas de prata.
 Não parece, que se móve
 Este Elemento, que o aguarda,
 Para ser trono de luzes,
 Ou da sua luz peanha.
 Pàra, ainda quando corre,
 Porque correndo se exalta
 Hum amante mais no extremo
 Das finças, de quem ama.
 Parádo vay, e não corre,
 E se corre he com tal graça,
 Que no sussurro correndo,
 Parece, pàra, e não pàra.
 Parando vay, e correndo,
 E correndo nelle se acha,
 Que pàra, no que suspende,
 Corre, no que não alcança.

Como pôde , se a grandesa,
 E Comitiva galharda,
 Era dos Astros o lustre,
 E da mesma esféra quarta.

Hum Jardim era de Flores
 Toda a cerulea Campanha,
 Porque nas Tagides eraõ
 De Jardins Flores as gállas.

Festejavaõ tanto affombro
 A bandeiras despregadas,
 Naõ só a Naçaõ por propria,
 Como todas as Estranhas.

Portugal ainda naõ vio
 Tal extremo (e sem jactancia)
 Que Monarca mais Amado,
 Que JOAM QUINTO, naõ se acha.

No Bargantim Magestoso
 (Ou já Carroça esmaltada)
 Entrando ElRey , se suspende,
 E creyo tambem que as agoas.

Corre , e parece , que voa,
 Voa , e parece , que para,
 Pois suspendido em si mesmo,
 Nem corre , voa , nem anda.

Eu o vi , e suspendido,
 Entendi , que naõ andava;
 Pareceo-me encanto novo,
 Suspensaõ taõ dilatada,

Allude-se ao
 entrar ElRey
 N. Senhor no
 Bargantim.

Eu não sey como corria,
 Se corria era às paradas;
 Suspendido, já parando
 Na suspensão, que o levava.
 Suspenda-se muito embora,
 Que he razaõ, que assim o faça,
 Que essa suspensão, que o leva;
 He Pedra Iman, que arrastra.
 Esta suspensão correndo
 Serà de Amor decantada,
 Em os Templos da Memoria,
 Em os Altares da Fama.
 Parece os remos nas ondas,
 Que cortando vão em prata
 A neve toda na espuma,
 A mesma neve espumada.
 Pàre, e corra, que assim he justo,
 Que correndo vâ, e he graça,
 Já que corre sem perigo,
 Não ter nenhum quando pàra.
 Como se leva a MARIA,
 Que adiante vay galharda,
 Já desterrando os perigos,
 Já afogentando as borrascas?
 Esta só lusida Estrella,
 Por Capitania bizarra
 Só vay desta Esquadra Regia,
 Por luz, Farol desta Esquadra.

Allude-se à
 Senhora das
 Necessidades
 hir adiante
 d'ElRey em
 outro Bar-
 gantim.

No Tejo undolo já entra

A Comitiva estremada

D'ElRey com vento Favonio,

Que a rapido Boreas passa.

Atègora taõ suave,

E agora com tal mudança?

Parecê n'alce do gosto,

De tanta gloria gozada?

Sópras, e muito soberbo,

Deixando a suave Aura,

Com que respiravas brando,

Com que suave respiravas?

Agora este Noto horrivel

He que vibra, e he que espalha

Pelas agoas sussurrantes,

Depois de tanta bonança?

Tejo, e Mar, Vento soberbo,

Que he isto? Que he o que traças?

Atèqui tanta brandura,

Agora taõ grandes raivas?

Ha tal soprar de soberbos,

E ha tal soprar de arrogancias,

Que o Tejo se espraya em ondas,

E o Vento em furias se espraya!

Tudo andava pelas ondas

Vagando, pela inconstancia

Das mesmas ondas, e o Vento

Nas prayas as despedaça.

Ao entrar no Tejo se levantou hum Vento forte, que devidio os Escalleres, que hiaõ acompanhando a ElRey N. Senhor.

Era o crystal derretido

Nas espumas, que lançava

Pelas margens, todo neve,

E neve desfeita em prata.

O bolicoso Elemento,

Tanto em si despedaçava

O mesmo crystal, que a espuma

Se desvanece elevada.

Applaca a tua soberba,

Que o Vento já a sua applaca,

Pois já fragrancias respira,

Nas suas Auras fragrancias.

Se sopravas tão soberbo,

Bem sey já porque sopravas;

E desculpa o vanglorioso

O sublimado da causa.

Sopravas, porque te vias,

(Da Magestade mais alta)

Affistido da Grandesa,

Por quem tu bem suspiravas.

Por isso às nuvens subias

Com elevação tão rara,

Que as mesmas nuvens temiaõ,

A ousadia sublimada.

Já estàs brando, estàs Favonio,

Doce, attractivo, e com graça,

Pois applaudes a JOAM QUINTO,

Nosso Rey, Nosso Monarca.

Feliz-

Felizmente ao Porto chega

(Aonde logo desembarca)

De Villa Nova feliz,

Nova só feliz, que a acclama.

Chega El-Rey ao Porto de Villa Nova antes, que a Senhora chegue, que foy já hindo acabando o dia.

Antes, que o Sol sepultasse

Radiante suas esquadras

De luzes, este Sol chega,

Com a que ao Sol acompanha.

Mas onde está aquella Estrella,

Que servio de Capitania

A este mesmo Sol lufido,

Nesta Cerulea Campanha?

Aonde? Aonde o está guardando

Da tormenta, e da borralca,

Que passou sem offendello,

Nem a quem tambem levava.

Oh! Prodigio nunca visto,

E prodigio, que se alcança,

Que só he guarda segura

Huma Estrella, do Sol guarda!

Depois que o Sol là nas ondas

De crystal sua luz banha,

(Que tambem se banhaõ as luzes)

A Estrella chega, e o Sol para.

E agora (fim) he que chega,

Que Estrella, que he sempre clara,

Tanto brilha ao meyo dia,

Como de noite por alva.

Chega a Senhora de noite, depois d'El-Rey ter chegado a Villa Nova.

Brilhar entre muitas luzes,
 E mais, que todas, só se acha
 Em esta Estrella brilhante,
 E só nesta Estrella rara!
 Se primeiro este Astro altivo
 Primeiro ao Porto chegara,
 Seria guarda preciosa
 D'ElRey hindo em sua guarda?
 Por isso deixa primeiro
 A ElRey, (e a lusida Esquadra,
 Que leva consigo) que entre
 No Porto, e ella de guarda?
 E ò, que bem! E ò Rey Invicto,
 Soube esta Estrella galharda,
 De Capitania o braço
 Desempenhar na jornada!
 Assim os de Mar, e guerra,
 Haviaõ observar nas cartas,
 Que lhe daõ com estes timbres
 Ser os ultimos nas marchas.
 Perigos não haveria
 No Mar, Campanhas, e Praças,
 Que hum Capitaõ valeroso
 Vay por guarda, e retaguarda.
 A outro assombro passemos,
 A outro pasmo (que mais pasma)
 Perguntemos, quem será
 Esta Estrella Soberana?

A' Senhora
das Necessi-
dades sem-
pre as Ma-
gestades Por-
tuguezas vi-
sitarão todos
os Sabbados.

Das Necessidades he

Senhora, sempre adorada

Das Rainhas Portuguezas,

E dos Reys da Lusitania.

O' sempre lusida Estrella,

E só sempre Estrella da Alva!

Alva, Estrella, Palma, Cedro,

Sol, e Lua, e Mar de Graça.

Muito podem os affectos,

Para esta de Cadez Palma,

E mais os Regios, e finos,

Da Portugueza Profapia.

Diga-se já o prodigio

Desta Estrella, mais, que humana,

Mar, Etcada, Rio, Torre,

Fonte, Sol, Lua sem mancha.

Muitas vezes (dizem obriga

A emprender façanhas arduas

A Necessidade) e agora

He que as emprende, e as manda.

Eu me explico ; ElRey levando

A Senhora, he obrigala

Por si mesmo, e a Senhora

Por si mesma vay levada.

Sim : pois como os Reys venerão

Rendidos a Imagem Sacra,

Como fiel Protectora,

Os segue sem ser rogada.

E esta fineza amorosa,
 Nasce de huma, e outra causa,
 E obriga muito à Senhora,
 Ser no bem, e mal buscada.
 Oh? Maravilha estupenda,
 Que he unica sempre, e rara,
 Pois se vê gozar hum Reyno,
 E hum Rey, maravilhas tantas.
 Vay ElRey com a Senhora,
 Como o Sol na madrugada,
 Sempre com huma Estrella fixa,
 Que ao Sol sempre huma acompanha.
 Pelos Campos vaõ correndo
 Em Carroça de ouro, e prata;
 Que mais merece huma Estrella,
 Que he do Sol Mãy pela graça.
 Os Campos brotando Flores,
 E Boninas matizadas,
 ElRey prostrado as offerece
 A quem leva em sua guarda.
 A' sempre Virgem MARIA,
 Flor de Jericò Sagrada,
 A quem tributaõ as mais Flores
 Toda a sua pompa ufana.
 Chega venturosamente
 ElRey a huma Pedra Santa,
 Santa por Senhor da Pedra,
 Que o Senhor Pedra se chama.

Chega El-Rey ao Senhor da Pedra, entra na sua Igreja aonde esteve espaço de tempo em Oração.

No Templo da Pedra entra
 ElRey com tal confiança,
 Que parece em si sentia
 Melhoras que não levava.
 Oh! Pedra sempre portento
 Das mais altas esperanças!
 E às de hum Rey que mais altivas,
 Se a Deos vão encaminhadas?
 Quando deixaraõ suspiros,
 E lagrymas bem choradas,
 De abrandar pedras por duras,
 Quanto mais Pedra taõ branda?
 E Pedra de Deos, que Pedra
 Já outra de Deos se acha,
 Que se desfez em branduras
 De neve entre fina prata.
 Lá parece com rigores
 Ferida foy com huma vara;
 Mas cà ElRey esta fére
 Com prantos, lagrymas, e agoas.
 Agoas, que de hum peito fino
 Nascendo vão Fontes claras,
 E quanto mais vão nascendo,
 Mais ao pranto augmentaõ mágoas.
 Prostrado, e rendido offerrece
 Este sublime Monarca,
 A este (Senhor) prendas muitas,
 E a melhor, affectos d'alma.

Oh prenda! E dadiva aceita

Mais de Deos na sua graça;

Que Deos mais aceita affectos,

Que da riqueza a abundancia?

Sempre amante, e Poderoso

Despendeo com Mão tão larga,

Que escureceo de Alexandre

Na sua Grandesa a Fama.

Já do Senhor se despede,

(E da Pedra) aonde grava

ElRey beijando os seus timbres

Affectos nas cinco Chagas.

Sahe ao Campo, e já os Campos

Com Flores lhe dão mil salvas,

(Que tambem salvaõ as Flores,

Fazendo das folhas bállas.)

Com applausos bem nascidos

Na Corte o esperaõ das Caldas;

Que agora he Corte, pois logra

De seu Palacio a morada.

Tudo às Caldas com ventura

Chegou, e se vê na entrada,

Que entra ElRey com alegres vivas

De alternadas consonancias.

Que muito tudo succeda

Felizmente, se se acha

Sempre guardando a ElRey muito

A Estrella; que muito o guarda.

Offerece a
Senhora da
Pedra ElRey da-
divas precio-
sas.

Entra El-
Rey N. Se-
nhor nas Cal-
das com ac-
clamaçoens,
e vivas.

- O Sol em piras de neve,
 Se a outro Emisferio passa,
 Sempre nas agoas se engolfa,
 Pois só nas agoas descança.
 Banhe-se o Sol com ventura
 Já nessas ditosas agoas;
 Que o Sol nas agoas revive,
 Como a Fenis entre as chammas.
- O' Vivey, Principe Augusto,
 Como esta vive na Arabia,
 Que nunca acaba, nem espira,
 E se espira, não acaba.
- E vinde já, que esta Corte
 Sem vòs está desmayada,
 Se a vossa luz não lhe assiste,
 Forçosamente desmaya?
- Sem luz o dia que pòde
 Causar? (ò, que amargas ancias!)
 Huma pena sem limite,
 Pena, dôr, tormento, màgoas.
- E penas, màgoas, tormentos,
 Em quem bem quer, e bem ama,
 Entre desmayos fenece,
 E entre deliquios se acha.
- O Dia fois desta luz,
 E a Luz do dia mais rara,
 Sempre Luz do dia altiva,
 Do dia Luz soberana.

Vinde (Senhor) com Melhoras,
E sejaõ taõ duplicadas,
Como iaõ , no Sol , no Fenis,
Luzes , rayos , fogo , chammas.

F I M.

*Tudo sujeita o Autor à Ecclesiastica censura ;
como verdadeiro Catholico.*

DEPOR TUGAL
Vinde (Senhor) com Melhoras , no Sol
E seja tão duplicadas , quanto a de
Como são , no Sol , no Tennis ,
Luxes , rayos , fogo , chamma ,
Bandeira de ...

FIM

Com o ...
Vivey P. Vivey
Com o ...
E se ...

Terminado ...
Sem ...

Tudo fugido o Autor a Real Academia Lusitana
com o ...

Com o ...
Perse ...

E ...
Em ...
E ...

O ...
E ...

Se ...
Do ...